

ELIANA KEFALÁS DE OLIVEIRA

I

Desfigura-se em mim
O olho da morte-
Verbos que se enredam
Entre as forças do meu pensamento.
Na tentativa de descobrir
O que se insiste nesta fala,
Palavras se vestem em corpos
De outras que nelas se escondem
E talvez se revelem.

Num campo vazio,
Está instalada uma ausência,
Que , apesar das relutâncias,
Persiste como cabo de guerra.
É insuportável o não-sentido.
A matéria do mundo
Fica toda insignificante.

É inevitável um olhar sombrio,
Não há exatidão.
Mora em mim o desconhecido,
Um tal que não quer ser visto.
E é um não se mostrar
Que é ele próprio
Não sendo nunca si mesmo.

Não sei de mim
A não ser
Aquele olho
Que não descansa.

(Caldas, 6/12/2003)

II

Pratos no escorredor.
Um chão que brilha-
a rotina descansa.

O sol penetra.
A chuva cai.
Leves nuvens luz

(Caldas- chácara, 01/03/04)

III

ATÔNITA

O silêncio
sob o sol
do fogo do fogão
das lenhas
sobre as cinzas

(Pocinhos, 20/07/2000)